

DO SERTÃO AO PANTANAL: GUIMARÃES ROSA E MANOEL DE BARROS (UMA AMIZADE LITERÁRIA)

Mestranda Joana D'Arc Mendes Gothchalk¹ (UFMS/CCHS)

RESUMO: *Muita já se estudou sobre a relação entre Rosa e o sertão mineiro, bem como a relação entre Manoel de Barros e o Pantanal. A leitura que move este texto não usará tal dualidade, antes procurará ler um no outro, e vice-versa, uma vez que se terá como pano de fundo teórico-crítico o que propõe a crítica biográfica, o que por si só já antecipa que a leitura que move este ensaio passa necessariamente pela relação de amizade entre os dois escritores.*

Palavras-chave: Guimarães Rosa, Manoel de Barros, amizade literária

É possível se pensar numa literatura regional em Mato Grosso do Sul? Que elementos nos identificam hoje? Que imagens regionais podemos compartilhar com outra cultura? Estas reflexões têm como ponto de partida os contos “Entremeio com o vaqueiro Mariano”, “Sanga Puytã” e “Cipango” de Guimarães Rosa, que evocam o pantanal de Manoel de Barros, especialmente o encontro que os dois intelectuais tiveram nas paragens do Firme. Esse encontro se converte num ponto de intersecção que merece ser investigado. Rosa, como artista-turista, vê nas paisagens pantaneiras um momento de elevada transfiguração poética.

A paisagem desoladora e encantadora arranca de sua capacidade criativa a mesma matriz que o verso manuelino usa para emoldurar suas paisagens esteticamente exuberantes. Aí surge outro questionamento: a literatura produzida por Guimarães Rosa em Mato Grosso do Sul tem o mesmo referencial que a produzida em Minas Gerais? Provavelmente, não. É o tal referencial local, ou ponto axial, que propomo-nos refletir tendo por base os referidos textos do escritor mineiro. Na verdade, queremos pensar que a partir de tais comentários sobre os lugares sul-mato-grossenses esboça-se um lugar-local inerente a nossa cultura localista que precisa, e pode ser melhor delimitado. Nesse sentido, é significativo o que Edgar Cézar Nolasco comenta sobre um possível lugar-local regional:

Quero pensar que sempre há um lugar real e imaginário onde eu me situo e penso meu pensamento. Penso que enquanto houver esse lugar narcísico, ninguém poderá falar pelo outro. Na infância do lugar-regional, à ninguém é delegado o direito de falar por ninguém. E o sujeito fala sua voz ininteligível para o outro. Esse lugar que me escolheu e que foi escolhido por mim, marca meu corpo, minha história, com suas faltas, suas carências, com seu próprio corpo (NOLASCO, texto inédito)

Tendo por base o que postula Nolasco, podemos dizer que os contos rosianos nos possibilitam pensar em um espaço regional sul-mato-grossense que precisa ser melhor demarcado, mesmo quando tal lugar não passe de uma metáfora imaginária.

Há, nos referidos contos, passagens, ou lugares, cidades abandonadas ou esquecidas que são os cenários perfeitos para a história ficcional, tudo, enfim, é transfigurado pelo escritor; tal transfiguração precisa agora ser retransfigurada, ou melhor, desmetaforizada por uma leitura crítica de forma que a mesma nos dê uma compreensão maior disso a que chamamos de o Regional. Um dos valores incontestes de tais contos rosianos está exatamente na possibilidade de nos fazer refletir sobre o que vem a ser o lócus onde estamos e pensamos, mesmo quando tal lugar precisa ser, antes, imaginado. É por meio de tal lugar que chegamos a um desenho de nossa cultura, nossa nação e, por extensão, de nossa própria história.

Segundo Maria Adélia Menegazzo,

Ao pensar as artes regionais na perspectiva dos estudos da cultura, a referencialidade é fundamental para investigação das representações e seus contextos histórico-sociais e estéticos, indo além dos estereótipos, na medida em que se podem traduzir como meras manifestações territoriais. O artista-narrador-turista ultrapassa os limites da referencialidade agregada aos valores regionais (MENEGAZZO, 2006, p. 59).

Rosa, enquanto artista-narrador-turista, estabelece uma travessia por terras sul-mato-grossenses, numa referência literária que ainda está por ser construída, bem como o estabelecimento de laços, ora maiores, ora menores com o poeta Manoel de Barros que, anos após esse primeiro encontro, recebe um exemplar da obra de Rosa com o conto “O vaqueiro Mariano”: “Olha aí Manoel, sem folclore nem exorcismos como você queria” (BARROS, 1990, p. 341).

Muito já se estudou sobre a relação entre Rosa e o sertão mineiro, bem como a relação de Manoel de Barros e o Pantanal. A leitura que move este artigo não usará tal dualidade; antes procurará ler um no outro, e vice-versa, uma vez que se terá como pano de fundo teórico o que propõe a crítica biográfica. O que por si só já antecipa que a leitura predominante passa, necessariamente, pela “amizade literária” entre Rosa e Barros.

A presença de Guimarães Rosa no sertão do Mato Grosso do Sul e seu encontro com o sertanejo e poeta Manoel de Barros revelam a proximidade entre a linguagem rosiana e a linguagem manoelina. Este encontro propicia um diálogo entre ambas as literaturas e inscreve a literatura sul-mato-grossense ao lado das obras produzidas nos grandes centros do país. Daí a importância de mapear o percurso de Guimarães Rosa em Mato Grosso do Sul, bem como ele compôs a sua visão do sertão pantaneiro. Há aqui um tanto de exagero, mas o certo é que ninguém duvida de que tal amizade literária contribuiu para a literatura de ambos: tais conversas e encontros entre ambos hoje suplementaram as leituras que fazemos da literatura de ambos.

O encontro dos dois escritores se deu nas paragens da fazenda Firme, localizada na planície de Nhecolândia, em 1947. Tal encontro não ficou apenas no espaço geográfico, mas também no texto “O vaqueiro Mariano”, em que Rosa relata uma conversa com o vaqueiro Mariano, que pode ser lida metaforicamente como o próprio anfitrião Manoel de Barros: “Nossa conversa era desse feito. Ele inventava coisas de Cordisburgo. Eu inventava coisas do Pantanal” (BARROS, 1990, p. 338).

Na travessia desse sertão indeterminado, Barros é uma espécie de guia capaz de escavar os sentidos de uma travessia que foi também verbal:

(...) Rosa saía cedo do camarote. Estava sentado no tombadilho tomando fresca. Do bolso da paisagem borboletas queriam escapar. Rosa abriu a paisagem e as borboletas saíram. O corpo do vapor quase tocava nas árvores do barranco. Andava essa lancha que nem um cágado travado. Dava para ver nas lapas abertas lontras dormidas. Dava para ver um rancho amanhecendo. Dava para ver um curral de bezerros, um homem e um menino pardos, eu fabricava coragem para puxar uma prosa com aquele João. (...) Eu disse pro Rosa ouvir: o canto desse pássaro diminui a manhã. Rosa pôs tento. Ele tinha uma sede anormal por frases com ave. Me olhou sentado na frase e se riu para mim. Gostou que eu estava fraseando ao vento (BARROS *apud* SANTOS, 2006, p. 82-83).

Sobre tal relação, vejamos o que diz Paulo Nolasco:

O encontro de Rosa e Manoel de Barros ganha no relato da conversa que tiveram, um sabor de coisas inventadas à maneira da prosa e da oralidade do próprio vaqueiro Mariano, que, sabendo e por saber a seu modo particular de ver e explicar o Pantanal como mundo, recria recortes de textos, denunciados, colhidos ao longo do tempo e da vida (SANTOS, 2006, p. 83).

Tal encontro nos proporcionou a pensar numa ressignificação tanto do sertão mineiro quanto do pantanal sul-mato-grossense, ou seja, tal encontro nos possibilita discutir tais lugares metafóricos nos dois escritores. Pantanal e sertão se coadunam, se entrelaçam na medida em que a linguagem se emaranha, sertanejo é pantaneiro e vice-versa. Esse território se sobressai pela recorrência às imagens de pássaros, bichos e boiadas, o que acaba compondo um texto único, emoldurando uma paisagem esteticamente excelente, ou como afirma Manoel “No uso de contos e recantos / o pantaneiro encontra sua paz / aqui ele alcança a altura das manhãs / e os cinzentos do entardecer” (BARROS, 1999, p. 84)

Os dois escritores se reconhecem pela palavra sem fronteira estabelecida num contexto real ou imaginário, como nos contos “O vaqueiro Mariano” e “Santa Puytã”. Neste, Rosa afirma: “se verdadeira bela é a história, se imaginada ainda mais” (ROSA, 1994, p. 936). Como não perceber e dizer que Rosa, ao afirmar isso, antecipa o que resultaria nas *Comunidades imaginadas*, de Benedict Andersen, e *Paisagens imaginárias*, de Beatriz Sarlo?

1. O percurso pantaneiro de Guimarães Rosa

Nesse julho de 2007, faz 60 anos que Guimarães Rosa visitou como artista-turista-observador o então Mato Grosso. Sai do Rio de Janeiro, passando pela cidade de São Paulo e de lá a Bauru-SP, onde faz a “baldeação” de trem, viajando agora pela estrada de ferro Noroeste do Brasil com destino a Campo Grande, onde faz sua primeira parada.

Como artista-turista-observador, visita algumas colônias nipônicas aqui instaladas a partir de 1914. Esses imigrantes participaram das obras da ferrovia Noroeste do Brasil e, quando terminado o trabalho para o qual vieram, compraram pequenas glebas de terra, onde produziram hortaliças e outros produtos que vendiam nas feiras livres ou de casa-em-casa.

Guimarães Rosa tinha conhecimento da imigração japonesa e interesse pela língua que falavam. Rosa começou a aprender japonês por volta de 10 anos de idade, sozinho, como relata o seu tio Vicente Guimarães:

Estava ele na varanda da nossa casa, na rua Espírito Santo 1204, quando ele percebeu um empregado da Companhia Força Luz, trepado numa escada, mudando a lâmpada. Um japonês. O menino deixou o livro e foi para perto, a fim de aguardar a descida do moço. Indaga-lhe como se diz “bom-dia” em sua língua, como se perguntava “como vai” e muitas outras perguntas. O nipônico respondeu tudo o que perguntou. Na tarde seguinte o funcionário passou novamente por nossa casa, Joãozito o abordou, deu-lhe bom-dia, boa-tarde, como vai, tudo num bom japonês, com desembaraço e entonação perfeita. O moço japonês ficou encantado e à partir vinha ensiná-lo todas as tardes. Essa aprendizagem muito lhe valeu, quando no Itamaraty ainda como cônsul, recebeu uma missão japonesa, dando-lhe boas-vindas e discutindo assuntos comerciais, no idioma asiático. O chefe da missão ficou admirado por ver um brasileiro tão moço, sem ter estado no Japão, falar o idioma de sua terra (GUIMARÃES, 2006, p. 49).

A visita de Guimarães Rosa a essas colônias configura-se como uma forma de agradecimento ao moço japonês que lhe ensinou o idioma, além de coletar informações para o conto “Cipango”.

Continuando a visita, passa por Aquidauana, Nioac, Bela Vista, Ponta Porã e, no Paraguai, Pedro Juan Caballero, por toda essa região fronteiriça, ainda pouco povoada, mas já conhecida desde a Guerra do Paraguai. E perto de Corumbá, num espaço conhecido como Nhecolândia, permanece alguns dias na fazenda Firme, típica fazenda de criação de gado pantaneiro, onde conhece o vaqueiro Mariano que irá torna-se o personagem do conto “Com o vaqueiro Mariano”. Nessa estadia na fazenda Firme, teve a oportunidade de conversar com vários pantaneiros, ouvindo suas histórias, com os corajosos caçadores de onça, “os zaigaieros”, e longas conversas com o

vaqueiro Mariano que lhe mostrou o seu modo de viver e seu conhecimento da região, falando sobre os seus mitos, o seu folclore, seu linguajar, o nome dos pássaros, das árvores, dos bichos e o nome das vacas e Guimarães Rosa tudo anotava em seu caderninho.

O conto “Com o vaqueiro Mariano” tem três partes, sendo que a primeira parte foi publicada no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em 26.10.1947, onde apresenta o vaqueiro Mariano e sua conversa sobre a alma dos bois:

Em julho, na Nhecolândia, Pantanal de Mato Grosso, encontrei um vaqueiro que reunia em si, em qualidade e cor, quase tudo que a literatura empresta esparso aos vaqueiros principais. Típico, e não um herói, nenhum. Era tão de carne-e-osso, que nele não poderia empessoar-se o cediço e fácil da pequena lenda. Apenas um profissional esportista: um técnico, amoroso de sua oficina. Mas denso, presente, almado, bom condutor de sentimentos, crepitante de calor humano, governador de si mesmo; e inteligente. Essa pessoa, esse homem, é o vaqueiro José Mariano da Silva, meu amigo.

Começamos por uma conversa de três horas, à luz de um lampião, na copa da fazenda Firme. Eu tinha precisão de aprender mais, sobre a alma dos bois, e instigava-o a fornecer-me fatos, casos, cenas. Enrolando no poncho, as mãos plantadas definitivamente sobre a toalha da mesa, como as de um bicho em vigia, ele procurava atender-me (ROSA, 1994, p. 775).

Regressando de sua visita ao Pantanal, chega a Ponta Porã. Sobre ela, assim escreve Guimarães Rosa:

[...] ora deserta cerrada a *Pedro Juan Caballero*, num relento de erimetério e guerra. Vacas e cavalos pastam o capim da Avenida Internacional, o *boulevard* limitante. Ponto Porã freme, de expectativa, mais vida, solidária assistência. Deixava-se o Paraguai – país tão simpático que até parece uma pessoa (ROSA, 2006, p. 22-23).

Sua última visita é em Sanga Puytã, cidadezinha, como marca de fronteira que ficou imortalizada num conto de Guimarães Rosa, conto esse publicado no jornal *Correio da Manhã*, em 17.08.1947. A viagem de Guimarães Rosa, como artista-turista-observador no Mato Grosso e Pantanal, rendeu-lhe vários contos, alguns publicados logo após e nos anos seguintes, e outros como póstumos.

Por fim, não posso deixar de dizer que este texto esboça, de forma sucinta, o projeto de uma pesquisa maior que está apenas sendo começada a pensar.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA E CULTURAL NIPO-BRASILEIRA. **A saga da colônia japonesa em Campo Grande**. Campo Grande: Saber Sampaio Barros, 2005.

BARROS, Manoel. **Para encontrar o azul eu uso pássaros**. Campo Grande: Saber Sampaio Barros, 1999.

_____. **Gramática expositiva do chão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

GUIMARÃES, Vicente. **Joãozito: a infância de João Guimarães Rosa**. São Paulo: Panda Books, 2006.

MENEGAZZO, Maria Adélia. Regionalidade e apagamento de fronteiras. n: ANASTÁCIO, Elismar Bertoluci de Araújo; SANTOS, Henrique Pimenta; BUENO, Maysa de Oliveira Brum (orgs.). **Tendências contemporâneas em Letras: povos do Pantanal**. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2006.

NOLASCO, Edgar César. Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?. Texto inédito.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. **O outdoor invisível: crítica reunida**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

¹ Joana D’Arc Mendes GOTHCHALK é mestranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso, Centro de Ciências Humanas e Sociais. joana9595@yahoo.com.br